Gênero, sexualidade e cultura: uma agenda contemporânea.

Sexualidade e educação: itinerários de pesquisa

Luiz Pereira de Lima Júnior

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Sexualidade e educação:

Itinerários de pesquisa

Luiz Pereira de Lima Júnior

O pensador francês, Michel Foucault, situou a sexualidade como um dispositivo de poder, em vigor na sociedade ocidental. Trata-se da delimitação de um campo de conhecimento, constituindo-se em um aparato discursivo de um regime de verdade.

Circunscrita no evoluir das relações de poder-saber, a sexualidade materializa-se nas práticas sociais, educativas escolares e, particularmente, na educação sexual. Esta, por sua vez, assemelha-se a um labirinto, pois visa à contenção e à domesticação dos instintos.

Sob a égide desta perspectiva, cartografar-se-ão pistas¹ que visam a subsidiar a reflexão sobre a pesquisa em sexualidade e educação, pondo a nu seus discursos e práticas. Vislumbrar-se-ão as resistências ao instituído, ressaltando o acontecimento aleatório do sexo, como a via que conduzirá ao prazer: a supremacia dos instintos.

1 São itinerários percorridos ao longo dos meus estudos e pesquisas.

Sitiando

A vida é perpassada por um emaranhado de vivências. Mas, houve uma que despertou a minha atenção. Quando eu ingressara na Universidade, no curso de Psicologia, observei que o sexo era tratado como objeto de discussão científica.

Os nossos afetos, as nossas emoções e, sobretudo, o nosso sexo eram o principal alvo das diferentes disciplinas e práticas correntes da Universidade, não para ser vivido como vivíamos, mas para ser disciplinado e controlado. Essas questões me atordoavam; eu, porém, ainda tinha pouca clareza do que estava ocorrendo. Sabia que algo estranho acontecia!

Instigado pelo pensamento de Michel Foucault, li a *História da Sexualidade*, passando a compreender, um pouco melhor, as questões que circulavam em torno do sexo. Pude perceber, embrionariamente, a forma que todo aquele discurso veiculado na Universidade se referia: à sexualidade.²

Não havia, até então, vislumbrado a possibilidade de estudar questões a respeito do sexo. Considerei essa possibilidade (LIMA JÚNIOR, 2003) quando constatei o que estava sendo feito, nas escolas, a partir da prática da educação sexual – ES. Era através dela que a sexualidade se materializava e ditava os rumos que as crianças e os jovens deveriam seguir. A ES, segundo Lima Júnior (2004), é um *labirinto*, cuja performance é a contenção e a domesticação dos instintos. Essa prática, acoplada à prática escolar, disfarçava-se da grande fada madrinha que conduziria as pessoas nessa odisseia sexual das interdições. Porém, apesar de ela aproximar-se das crianças e dos jovens, muitos conseguiam escapar, pois se escondiam nos banheiros e aproveitavam o momento para uma sessão de masturbação, dentre outras práticas feitas às pressas, pois o general poderia descobri-los.

A referida possibilidade de estudo aguçou-se ainda mais, quando surgiram os designados Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs³ – no cenário pedagógico-educacional, que marcam o fim do século XX, com uma proposta de ES caçadora de desvios. A questão nevrálgica que se apresenta é a de inves-

2 Ela “[...] surgiu tardiamente, no início do século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere...” (FOUCAULT, 1984, p.9).

3 São referenciais curriculares em vigor no Brasil, a partir da década de 1990.

tir no detalhamento da perseguição, estancamento às forças da sexualidade, e pôr a nu suas práticas, seus discursos, poderes e saberes, considerando-se que eu e as demais pessoas fomos marcados por ela. Vislumbra-se *vontade de saber*, salientando as singularidades do Brasil.

Olhar o sexo sob o prisma investigativo conduziu-me a uma reflexão prioritária que, a rigor, revestiu-se de condição indispensável para uma tomada de decisão. Seria necessário eleger o sexo, esse fragmento de nós mesmos, prática inerente à vida e, singularmente, à vida animal, sobretudo daqueles designados de humanos, em tema de estudo? Apesar das idas e vindas, vislumbrei essa possibilidade que se tornou mais viável quando acoplo sexo e instinto.⁴

Ao trabalhar num eixo genealógico e arqueológico, em oposição ao projeto epistemológico ocidental, Foucault (1988) situou a sexualidade sob um prisma inusitado. Ela é analisada como uma área de conhecimento, fato que a colocou como objeto.

Ao longo dos séculos XIX e XX, proliferam discursos sobre o sexo, reinscrevendo as relações de poder-saber sob um novo patamar. O poder é exercido ou praticado em vez de ser possuído. Ele não é apropriado como a riqueza, pois é exercido em rede e todos os indivíduos são centros transmissores. Seu encaminhamento teve como meta o *como*, em detrimento do *quê*, ou *quem*, ao abordar o poder. A análise centrou-se em questões referentes à forma *como* ocorrem as relações de saber-poder em espaços singulares, no formato das diferentes práticas sociais. No bojo das condições práticas, encontram-se as potencialidades da produção do sujeito com ênfase na *experiência de si*.

Nos vastos espaços percorridos pela analítica, fazem-se presentes imagens da sexualidade. A partir dela, mostrou-se que, ao invés de reprimir o sexo – postura que reitera o aumento da força de trabalho, a partir da contenção do prazer –, como usualmente se concebia nas práticas burguesas, afrouxaram-se as teias discursivas sobre ele. Ao rebelar-se contra os discursos instituídos sobre as práticas sexuais, concebidos sob a tutela da repressão, Foucault fez um movimento contrário. A essa modalidade de compreensão, fundada sob a égide da verdade absoluta, ele a cunhou de *hipótese repressiva*.

4 A diáde sexo/instinto encontrou em Max Stirner – nascido em Bayreuth, em 1806 – o seu furor. Este filósofo único apontou a possibilidade de nos livrarmos do Estado e de quaisquer amarras. Ao referendar a supremacia dos instintos, abriu espaços para nos transformarmos em pessoas livres, inclusive do absoluto liberdade. Instigado, também, por este pensador, encontrei forças para estudar o sexo (STIRNER, 1976; 1979).

A aludida forma de compreensão foi revista, à medida que ele procurou minar os discursos de verdade que estão na base dos conhecimentos e práticas, salientando que eles são efêmeros. Rever as usuais modalidades de visões sobre o sexo apoia-se à mera contestação. O Ocidente e, particularmente, a sociedade moderna, utilizaram-se desse discurso para perpetuar suas práticas de transgressão, de liberação sexual. Além desses, acrescenta-se o viés mercantil, ao perceber-se que diferentes profissionais se encarregam da captura do discurso sobre o sexo, sobre o que as pessoas fazem de suas vidas.

A hipótese repressiva é situada num patamar discursivo sobre o sexo, instigando as relações de poder-saber. Os diversificados campos disciplinares e as instituições exercem papel fundamental, uma vez que não objetivam reprimir ou proibir o sexo, mas controlar o indivíduo e a população. As sexualidades são construídas no evoluer das práticas sociais.

Considera Foucault (1979, p. 243-244; 1988, p. 75) a sexualidade como um *dispositivo*⁵ de poder, tendo como premissa geral a emergência do dispositivo de sexualidade em vigor na sociedade ocidental, estabelecendo relações entre a produção de saberes, a produção de verdade, as práticas sociais e os modos de exercício de poder. Todo este arsenal tinha como objetivo o de produzir um sujeito de sexualidade, cuja conduta seria normalizada, o seu corpo *politicamente dócil e economicamente útil*. Produz-se um sujeito moldado para conviver sob os ditames da sociedade disciplinar.

A sexualidade é concebida como um campo de conhecimento que foi delimitado e acenou no século XVIII, ou seja, é um dispositivo de poder. Ela é um elemento discursivo de um regime de verdade. Mostra Foucault (1979, p. 258-259) que o sexo se converteu num *objeto histórico* e que foi encampado pelo dispositivo de sexualidade. “Existe uma sexualidade depois do século XVIII, um sexo depois do século XIX. Antes, sem dúvida existia a carne.” O sexo no século XVIII, com base em Foucault (1988, p. 27-28), é visto como questão de polícia: “Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição.”

5 É “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.” (FOUCAULT, 1979, p. 243-244).

Diz, ainda, Foucault (1988, p. 9) que, até os primeiros momentos do século XVIII, as práticas ainda eram movidas por expressões francas. O *segredo* não fazia parte de suas vivências, pois as palavras fluíam livremente e o diferente era aceito com tolerância. As normas eram mais flexíveis, em função do que ocorreria no século XIX. Muitos atributos das práticas sexuais eram visíveis, por exemplo, na Escultura, na Literatura, além de outras artes.

A percepção que ele teve da sociedade, especificamente quanto à sexualidade, salienta que ela é o espaço reservado para a *produção de verdade*. *A verdade profunda é lida e dita*. A verdade das pessoas passa pelo conhecimento de sua sexualidade. Esta, para Foucault (1979, p. 229-236), “não é fundamentalmente aquilo de que o poder tem medo, mas é, sem dúvida, através dela que se exerce.” Ele busca as condições de possibilidades, que determinam, nas sociedades, o acoplamento do sexo à procura da verdade.

A partir do século XVIII, a antiga técnica de confissão das instituições cristãs abre espaço para uma confissão de técnicas refinadas. A base para a formação da sexualidade é a das práticas da penitência, do exame de consciência e da direção espiritual, tendo nos confessionários, o *locus* adequado para a produção da verdade sobre o sexo: ali a verdade sexual era ouvida, revelada. Essa vontade de ouvir a verdade sobre o sexo perdura até os dias atuais, inclusive no Brasil, e foi mapeada pelas técnicas de escuta que foram assumindo um novo formato. De acordo com Foucault (1979, p. 263), ocorrem com frequência, no Ocidente, os processos que visam à regulamentação da confissão sexual, da sexualidade e dos prazeres sexuais. Esses procedimentos passaram por processos de transformação, sendo refinados, aprimorados, adaptados às novas demandas sociais e profissionais, pois “[...] aparecem técnicas médicas brutais, do tipo: ande, conte-nos sua história, conte-a por escrito.”

Sexualidade atrela-se aos discursos das ciências da vida e da sociedade, servindo de referencial para legitimá-la. Perpassa as práticas, embora não consiga detê-las, pois o sexo é fluxo instintivo.

As práticas com que puseram a nu a sexualidade e a alusão às trilhas que percorreu apontam arquiteturas discursivas. Com relação aos processos desencadeados ao longo dos séculos XIX e XX, Foucault (1988, p. 37-38) questiona: esta mira ao redor da sexualidade não serviu para “[...] proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora?”.

O referido questionamento alude às mudanças que perpassaram as práticas sociais-sexuais e, concomitantemente, a sexualidade. Muitas apontadas como libertadoras constituíram-se em movimentos de libertação. Isto se aplica ao Brasil, pois carrega as marcas do Cristianismo imbuído de Humanismo, ao assolar os povos latino-americanos, uma vez que as igrejas cristãs o fizeram. A maior expressão disto é a designada Teologia da Libertação, que visa a refletir sobre as diferentes formas de opressão a que vêm submetendo-se os povos latino-americanos, basicamente nos contornos da libertação.

As aludidas considerações salientaram que o sexo é disciplinado e controlado, não apenas pelas instâncias que exercem um controle externo, mas também pelas pessoas, seus comportamentos, gestos, olhares: tudo o que as perfaz como produção desejante. Estão atentas às relações que as circundam, inclusive a si próprias. As pessoas viajam nas ondas da sexualidade, mas também existem aquelas que, mesmo estando sob as suas garras, conseguem escapar e procuram espaços desconhecidos, nômades.

Nos recônditos da escola, crianças de 1^a. à 4^a. série fazem dela um palco erótico. Um menino de 12 anos e uma menina de nove estavam nos fundos do pátio, quando a vice-diretora viu que “[...] o menino estava se beijando com a menina.” Só que eram três, ou seja, para “[...] um ficar de vigia e os outros dois poderem namorar. Era uma menina de onze anos que observava se viria alguém.”⁶

Fluxos

A sexualidade, portanto, não é uma característica inerente às pessoas, pois Foucault (1979, p. 244; 1988, p. 75) diz que sua ação ocorre em função das modalidades de classificações que se produzem nas práticas sociais. Quando se demarcam espaços de *correlações de forças* para a sexualidade, esta funcionará como produto desses espaços de poder-saber. Fabricam-se *sujeitos sexuais*, uma vez que eles colocam no sexo *segredos e verdades*. A possibilidade do prazer é um acontecimento crucial em nossas vidas, embora se perceba que ele não vem apenas do sexo, mas de uma variedade de fontes que emanam do corpo.

6 Entrevista em 11/01/2003, com a Psicóloga/vice-diretora, Maria de Fátima de O. Neves, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Analice Caldas, em João Pessoa/Paraíba.

O prazer é flutuante, não apenas localizado num espaço ou lugar específicos, mas numa multiplicidade de espaços e lugares que têm como base o fluxo dos instintos. O prazer é sentimento. Ele é coisa ou pessoa.

As pessoas estão aprisionadas à sexualidade, pois o prazer e o desejo são, parcialmente, sufocados. Ela serve de referencial de elaboração dos comportamentos, pois para Foucault (1988, p.75), deve-se *dizer a verdade* acerca de nós mesmos e dos outros, singularmente através da sexualidade. Dizer a verdade é dizer que a *verdade mais profunda* está calcada no discurso e nas práticas discursivas da sexualidade.

Sob esta perspectiva, constrói-se um *assujeitamento*, de acordo com Branco (2000, p. 326), em vez de *sujeitamento*. Referendando Foucault, ele mostra que diz respeito a uma forma para realizar o *controle da subjetividade* passando pela *constituição mesma da individualidade*, isto é, da constituição de uma subjetividade *dobrada sobre si e cindida dos outros*. Os sujeitos são levados a perceber a sexualidade como um traço natural, à medida que se realiza uma *subjetividade assujeitada* e se identifica com comportamentos e valores introjetados pelas relações, procedimentos e técnicas do poder. Estes mesmos sujeitos, múltiplos, ou seja, uma multiplicidade que tem como sede o corpo, que é o andaime de uma variedade de almas, rebelar-se-ão contra o instituído, com vistas ao desejo. O desejo, para Deleuze e Guattari ([ca. 2000], p.31,33), é produção. Ele *produz real*.

A sexualidade pode ser vista como uma *questão de economia*, ou seja, ela não é uma *determinação molar*, mas uma *subdeterminação molecular* funcionando nos campos sociais e familiares, e delineando o *campo de presença* e de *produção do desejo*. O desejo é afeto. Não é subjetividade. Ele é *heccidade*. É *acontecimento* e não coisas ou pessoas.

Este emaranhado de reflexões remeteu-me à questão da tão propagada ES. Uma prática social, educativa intencional que põe em funcionamento a sexualidade e comumente tomada como panacéia. Educar o sexo de que sujeito? Daquele com características universais, adequado a demandas impostas pelas práticas familiares, religiosas, educativas, penais, científicas. A ES é mais uma das práticas (FOUCAULT, 1988, p. 55) utilizadas na relação básica com as *formas de manipulação e jogos de verdade* (FOUCAULT, 1984, p.12) sobre o sexo, visando a mascará-lo. É a partir dos comportamentos das pessoas, mais precisamente nos seus corpos, assim como nos seus gestos, olhares, atitudes, enfim,

numa multiplicidade de afetos e de comportamentos, que se detectam as marcas da sexualidade e, concomitantemente, a presença da ES.

A sexualidade materializa-se na ES e, singularmente, no espaço dos PCNs, pois a partir deles, a ação da sexualidade aguça-se de forma exacerbada, constituindo-se num acontecimento crucial que caracterizou o fim do século XX. A ES – espelho da sexualidade no interior da educação e da escola – é apenas uma nomenclatura que se faz existir através dos diferentes profissionais e demais pessoas que dela se encarregam, assumindo o formato de uma prática. No entanto, os que a ela se assujeitam podem criar rupturas ao perceber a velocidade com que ela atinge suas vidas. Criarão espaços permeados pelo prazer, pelo desejo e pelos instintos, através de criações de novas práticas afetivas e sexuais que os façam ressurgir do provisório anonimato. O Estado, a educação e a escola auxiliam, em menor escala, no desenvolvimento da pauta da ES, pois lançam mão dela para disciplinar e controlar a sexualidade em função de seus interesses, como, por exemplo, com a criação dos PCNs. As pessoas que perfazem o cenário educacional e escolar, como professores, técnicos em educação, pessoas no cotidiano, encarregar-se-ão da operacionalização da ES e dos PCNs, onde o Estado aparece de forma secundária.

Entretanto, a transformação do sexo em discurso não inviabiliza a existência de iniciativas que emanam de diferentes lugares e que se voltam contra a empreitada da sexualidade. Mesmo que as pessoas agonizem, sempre mirarão os instintos: a própria vida. Refutar-se-ia, na percepção de Giacóia Júnior (1997, p. 13-14), a *moral cristã*, e superar-se-ia o platonismo que lhe serve de sustentáculo, onde “[...] o Cristianismo representa uma variante e uma extensão.” Isso remete à construção de novos referenciais de vida e de comportamentos, não apenas sexuais, pois através das resistências ao instituído, as pessoas são capazes de dar vazão aos instintos, fazendo valer o acontecimento aleatório do sexo.

A questão do sexo vincula-se, de um lado, à questão da sua interdição. Foucault (1998, p. 9) mostra que dentre os *procedimentos de exclusão*, a *interdição* é o *mais evidente e familiar*, que priva a fala das pessoas em determinadas situações. Pode-se dizer que o *controle*, a *seleção*, a *organização*, a *redistribuição da produção do discurso*, nas sociedades, são controladas por mecanismos que visam a arrolar poderes e perigos, dominando o curso aleatório das circunstâncias. Em diferentes espaços sociais, como, por exemplo, no ocidental, surgem os referidos procedimentos, dentre as quais, a sexualidade é uma das mais

ênfáticas. De outro lado, a interdição conduz resistências, pois as pessoas contrariam as normas de disciplinarização e de controle do sexo, podendo levá-los ao seu acontecimento, fazendo prevalecer os instintos.

Salientando a *constância dos instintos*, Foucault (1979, p. 27) coloca, de um lado, que eles estão em todos os lugares, hoje e sempre. De outro lado, ressalta que o *saber histórico* comumente o pulveriza, apontando suas forças e suas fraquezas, podendo levá-lo à sua *destruição*. Apenas o corpo conhece as diferentes faces dos instintos, o que lhes confere fugir da História.

Isso revela um certo fascínio, à medida que o *interdito* introduz a *transgressão*: o fluir do sexo. Bataille (1987, p. 35-37-64) ressalta que, se pararmos para observar o interdito, se nos submetemos a ele, não teremos mais consciência dele, mas, na ocasião da transgressão, sentimos a angústia que caracteriza o interdito. Apesar da presença do interdito vislumbra-se a transgressão, pois existe na natureza e no homem um movimento que extrapola os limites, sendo reduzido *parcialmente*. “O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão.”

Passar-se-á em revista, na visão de Lima Júnior (2003), a forma como se gesta a sexualidade, apontando práticas, pistas, das formas como o sexo acontece aleatoriamente, embora sinalizando os processos que o interditam, ambos marcados por contingências históricas. A análise da sexualidade requer, tal como sugere Foucault (1984, p.10), que se disponha de instrumentos capazes de analisar os seus três eixos constitutivos: “[...] a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e a forma pela qual os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade[...]”.

Os aludidos processos fazem-se presentes, especificamente, às práticas sociais, educativas escolares. Destacar-se-ão os que transformam o sexo em discurso na educação, através da ES, e que desencadeiam uma intervenção sobre os indivíduos. Faz-se mister refletir acerca da ES, não apenas em função das origens únicas da prática dos processos por ela desencadeados, e sua vinculação à sexualidade, mas observar os acontecimentos numa situação histórica.

Apreender-se-ão as formas de disciplinarização e controle da sexualidade, sobretudo com a criação dos PCNs (BRASIL, 1997) que veiculam a ES. Esses acontecimentos situam-se nas relações que oscilam entre os resquícios da disciplina

(FOUCAULT, 1979; 1987) e a ingerência do controle (DELEUZE, 1992), principalmente em tempos de maiores preocupações com as doenças sexualmente transmissíveis – DSTs –, particularmente, a Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida – AIDS ou SIDA –, e a de uma sexualidade que começa a se circunscrever sob um novo formato. É a transformação dos dispositivos de disciplina e de controle, no quadro da educação e, singularmente, na ES e nos PCNs. A análise desses acontecimentos voltar-se-á para lugar-lugares, onde a sexualidade inscreve-se noutros espaços, como, por exemplo, no ciberespaço.⁷ Tudo isto possibilita uma cartografia das novas imagens e práticas do final de milênio.

Salientar-se-ão as imagens que constituem a sexualidade neste novo mundo, o ciberespaço observando a emergência das formas de disciplina e de controle que se formam nesta realidade embrionária. Poder-se-ia dizer que os processos de interdição do sexo não ocupariam lugar de destaque no referido mundo, percebendo-se o fluxo de informações que este veicula. Este novo mundo veicula práticas que podem desvirtuar a vivência do sexo, pois lá estão legitimadas as forças da atual produção tecnológica que cria imagens da sexualidade, conduzindo as pessoas a parcelas ínfimas de prazer. Mas percebem-se os instintos nesse cenário, não apenas em função das formas de afeto que se formam, mas da própria necessidade que as pessoas têm de uma vivência mais prática, quando constroem imagens mediante contato face-a-face, corpo-a-corpo.

As preocupações com os rumos da sexualidade remetem à necessidade de discipliná-la, controlá-la e incitá-la, (re) direcionando as ações das pessoas na vida. O que interessa é (re) ordenar a sexualidade nas atuais circunstâncias que, dentre outros acontecimentos, conta com um quadro exacerbado de DSTs, destacando-se a AIDS, e os novos dispositivos de sexualidade que se inscrevem no ciberespaço. A disciplina e o controle da sexualidade não ocorrem apenas em função da AIDS, que geralmente é tomada como bode expiatório, uma vez que a discursividade arrolada para este mister atende, também, a interesses diversificados. Ocorre, especialmente, em função dos discursos que giram em torno da temática educação-prevenção. Sexo e peste perpassam as relações da sexualidade e a epidemia AIDS passa a ser a encarnação da peste.

O século XX e a criação do novo milênio aguçam esses discursos de controle, embora ainda existam mais do que resquícios da disciplina nas práticas

7 Termo cunhado pelo autor de ficção científica, William Gibson, no romance *Neuromancer*, em 1984, que designa a realidade imaginária compartilhada das redes de computadores.

sociais. A partir desse cenário, busca-se delinear os acontecimentos, observando-se que eles intervêm num dos processos singulares da vida: o sexo. As pessoas são tolhidas em suas necessidades genuínas, mas resistem às imposições a partir de uma correlação de forças. Percebe-se uma *tecnologia do sexo* (FOUCAULT, 1988, p. 110) e não meramente uma proibição. Isso leva a repensar as especificidades da sexualidade, não apenas reconhecendo-se a interdição do sexo, mas indo além desta e voltando-se para a análise da *vontade de saber* (FOUCAULT, 1988, p. 17) sobre ele, num momento específico da vida – risco de extinção –, do Brasil, e das trilhas que a sexualidade percorrerá.

Analisar a sexualidade sob esta perspectiva é mostrar como se constroem, no Brasil atual, novos edifícios discursivos que emanam de diferentes lugares. Dentre eles, cita-se a ES, atualmente levada a cabo pelos PCNs. A ES contida nos PCNs veicula acontecimentos de interdição, tais como: sobressalência da heterossexualidade em detrimento da homossexualidade,⁸ e outras formas de vivência da sexualidade; exacerbação do domínio da constelação familiar; priorização da moral e do ideário cristão, dentre outros.

A premissa de que o sexo acontece aleatoriamente e se sobrepõe à sua interdição, assumindo singularidades instintivas, introduz possibilidades de seu acontecimento.

Sob essa ótica, um grito de prazer ao sul do equador, envolto na temperatura tropicaliente, de índios, negros e homens que gostavam de outros homens, denotava acontecimentos que contrariavam o instituído. A esses *anticristos* (NIETZSCHE, 2000a, p. 22), aqueles que de fato conheciam, até certo ponto, o prazer, eram aplicadas sanções, rituais de confissão e de confinamento, para que se pudessem eximir da culpa (NIETZSCHE, 1998, p. 59) e retornar ao estatuto de cristãos, desprovidos de prazer. Nesse campo, o cristianismo parte do pressuposto de que para alguém ser feliz, é necessário viver uma vida virtuosa. Ele é o propagador dos discursos da moral. A moral, segundo Nietzsche (2000b, p.93), refere-se a uma perda do equilíbrio, a tudo quanto é oposto aos instintos sexuais: *desmazelo de si mesmo*, renunciar a si próprio.

Permeada por discussões oriundas de diferentes práticas discursivas, assim como de discursos institucionais, a sexualidade é coberta pelo véu da disciplina.

8 De forma inversa à categoria homossexual, prefiro falar de relações que acontecem entre pessoas do mesmo sexo, ou seja, àquelas que ocorrem entre um homem e um outro homem, entre uma mulher e uma outra mulher: eróticas.

Embora a sexualidade tenha como principal aliado o campo médico, as ciências naturais, ela não é produto específico de um único campo disciplinar, mas é o efeito de uma sobreposição de formações diversificadas, como a Medicina, a Psiquiatria, a Psicologia, a Sociologia, a Educação. Contudo, percebe-se que o discurso psiquiátrico assume um papel preponderante nesse contexto, pois veicula o poder médico com a sua aliança com os dispositivos legais. No entanto, Foucault (1997) elaborou uma argumentação, não apenas em torno do discurso psiquiátrico, mas do que lhe é *anterior e exterior*. Ele objetivava, no dizer de Machado (1981, p.58), o estabelecimento das *condições históricas* que podem possibilitar a emergência *dos discursos e das práticas* que se referem ao *louco* que é concebido como *doente mental*.

A partir da ótica disciplinar, esboçada anteriormente e situada mais cabalmente no interior da Educação, percebe-se a construção de novos comportamentos sexuais. Longe de se ter sua manifestação reprimida, nunca se falou tanto em sexo, seja no divã, seja na sociedade burguesa ou nas rodas sociais, a partir do século XIX, o que denota cabalmente a ação da sexualidade. O sexo e a sua interdição serão o alvo do Estado brasileiro, sobretudo, na década de 1920, cerceando quaisquer tentativas de ES que não tivessem fins higienistas, fundados na lógica da procriação, do permissível. A moral cristã perpassava a vida das pessoas que tinham suas práticas e seus comportamentos sexuais interditados, traçando-lhes rumos alheios aos seus anseios. Os discursos institucionais localizavam-se nos pontos mais específicos que comporiam o arsenal de poder-saber, veiculados pelo Estado e pela Educação. O Estado até vislumbrava a ES, mas a partir de uma pauta que lhe interessasse: a procriação; ao mesmo tempo, os contrários a essa prática eram interditados.

Participar de uma suposta *revolução sexual* – o sexo não é totalmente condenável, mas conta com limitações –, ou seja, de algumas alterações na dinâmica dos comportamentos sexuais, que se iniciou mais nitidamente na década de 1960, sob o slogan *paz e amor*, não quer dizer que os mecanismos de disciplinarização e de controle da sexualidade não se perpetuem. Eles traduzem uma confluyente e antitética compreensão do sexo: da libertação, da liberação, da recente busca do prazer sem culpa e da visão desprestigiadora da vivência do sexo de origem judaico-cristã. Quanto à libertação, observa-se que esta conduz a outro assujeitamento – liberta-se de alguém e serve-se a outro –, ao novo soberano, ao novo colonizado, ao passo que a liberação – instaurando o

governo de si próprio –, ocorre através de relações horizontais, entre amigos, com práticas diversificadas: sexuais.

Vale salientar que a preocupação não reside apenas em saber como o sexo passou a ser reprimido, mas, sobretudo, como ele veio a se constituir em *matéria de reflexão moral*. Buscar-se-ão, desta forma, novas formas de vida, em estreita relação com uma *ética*, uma *estética da existência*. O conhecimento é algo vulnerável; é uma das vias para que ocorram as relações de possibilidade entre o homem e o mundo, pode ser efetivada pela estética. Vislumbra-se formas de pensamentos, devires, interconectados ao plano de imanência, isto é, a chance de pensar o impossível, de pensar o impensável.

O controle, atualmente, de acordo com Passeti (1999, p.56,58), não age apenas sobre o corpo, mas destina-se a todo o Planeta. Existem contraposições e relacionamentos entre a *biopolítica da população* – era do corpo-espécie – e, a *ecopolítica planetária* – era do corpo-planeta. Transita-se do espaço disciplinar para o espaço sem lugar.

Debruçar-me-ei sobre uma constante busca de punições, castigos e liberdades (FOUCAULT, 1979), voltando-se contra os princípios normalizadores que encontram sustentáculo desde o século XIX, momento em que a burguesia estava forjando seus mecanismos, o seu projeto disciplinar. Procurarei minar os discursos institucionais, ressaltando a presença de uma variedade de sujeitos tentando libertar-se de soberanias, centralidades, objetividades, de lugares a serem ocupados.

Rever este cenário, a partir de novas clivagens, propiciará a compreensão e a análise dos acontecimentos, a partir das singularidades que os constituem, em oposição à sua universalidade. É neste aspecto que emerge a postura do *intelectual específico* em detrimento do *universal*. Este intelectual específico deve apropriar-se do acontecimento, das coisas, das palavras, como produto de uma correlação de forças. Estas podem ser ativas – quando florescem a vida –, e reativas – quando introduzem a degenerescência –, cabendo ao referido intelectual revelar suas qualidades.

Ao falar dos *saberes locais*, em oposição aos *conteúdos do conhecimento teórico*, Foucault (1993, p.15-16) mostra que, no interior dos saberes rechaçados, encontra-se um *saber histórico das lutas*. A *memória dos enfrentamentos* sempre foi mantida à margem. Visar-se-á ao acoplamento dos conhecimentos eruditos e

das memórias locais, para que possa ser construído um saber das lutas travadas contra a sexualidade e, simultaneamente, contra a sua utilização nas questões cotidianas, observando-se como o sexo ocorre.

Sob a égide destes acontecimentos, percebe-se que a pesquisa sobre sexualidade e educação prioriza eixos balizadores em seu percurso. Eles, apesar de suas especificidades, são coexistentes, relacionam-se de forma flutuante, estabelecendo relações constantes com o evoluir das práticas social-sexuais. Visualizam-se imagens surpreendentes, (re) criadas, continuamente, objetivando-se nas práticas social-sexuais, a partir do evoluir da supremacia dos instintos. É neste cenário que estão os passageiros do futuro: pessoas que fogem e escapam ao instituído.

Os aludidos eixos, na análise de Lima Júnior (2003), são perpassados pela *tese* de que a sexualidade produz-se no bojo das práticas sociais, de formações discursivas e não-discursivas, desencadeando relações de poder-saber sobre o sexo. Normaliza-se e regulamenta-se a vida das pessoas, particularmente seus comportamentos sexuais, mediante a disciplina e o controle dos seus corpos e de suas almas. Salienta-se o acontecimento aleatório do sexo e, concomitantemente, a supremacia dos instintos, embora surjam interdições sexuais.

Ressalte-se, contudo, que a análise da sexualidade situa-se no âmbito das *práticas sociais* que, por sua vez, para Foucault (1999, p. 8), vincula-se à formação de *domínios de poder-saber*. Essas práticas, especificamente a sexual, mantêm estreitas relações com as diferentes formas de ser e de agir das pessoas, e não apenas com o Estado, com a educação e com a escola.

É adentrar-se na *zona cinza do não dito*.

Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987. 260p.

BRANCO, Guilherme Castelo. Considerações sobre ética e política. In: PORTOCARRERO, Vera; BRANCO, Guilherme Castelo. (orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000. 352p. Parte 2, p.179-217.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros nacionais**. Brasília: MEC; SEF, 1997. 126p. v.1. (Ensino fundamental/1ª. à 4ª. série).

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991. 195p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 232 p.

_____. GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Joana M. Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio e Alvim, [ca. 2000]. 430p. (Peninsulares/especial, 41).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e organização Roberto Machado. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295p. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, 7).

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 232 p. v. 2. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, 15). Tradução de: Histoire de la sexualité 2: l'usage de plaisir.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Lígia M. Pondé Vassalo. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 280p. Tradução de: Surveiller et punir.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p. v. 1. Tradução de: Histoire de la sexualité 1: la volonté de savoir.

_____. **Genealogía del racismo**. Traducción Alfredo Tzveibel. Buenos Aires; Editorial Altamira; Montevideo; Editorial Nordan-Comunidad, 1993.

_____. **História da loucura na idade clássica**. Tradução José Teixeira C. Netto. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. 551p. Tradução de: Histoire de la folie à l'âge classique. Parte II: Médicos e doentes. p.297-338.

_____. **O nascimento da clínica**. Tradução Roberto Machado. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 241p. Tradução de: Naissance de la Clinique.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto Cabral de M. Machado e Eduardo J. Moraes. 2.ed. Rio de Janeiro: Nau, 1999. 158p. Tradução de: La verité et les formes juridiques.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. **Labirintos da alma**: Nietzsche e a autossupressão da moral. Campinas: UNICAMP, 1997. 188p. (Repertórios).

LIMA JÚNIOR, Luiz Pereira de. **O acontecimento aleatório do sexo**: cartografando a sexualidade na prática da educação sexual e no espaço dos parâmetros curriculares nacionais. 2003. 244p. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. Trilhas da educação sexual. **Conceitos**, João Pessoa, v. 5, n. 10, p. 25-34, jul.2003/jun., 2004.

MACHADO, Roberto. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981. 217p. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, 11).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.177 p. Tradução de: Zur genealogie der moral.

_____. **O anticristo**. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000a. 112 p. (A obra-prima de cada autor). Tradução de: Der antichrist.

_____. **Ecce homo**: como cheguei a ser o que sou. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000b. 125p. (A obra-prima de cada autor).

PASSETTI, Edson. Sociedade de controle e abolição da pena. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, n.3, v.13, p. 56-66, jul./ set., 1999.

STIRNER, Max. **El único y su propiedad**. México: Juan Pablos, 1976. 498p.

_____. O falso princípio da nossa educação. In: _____ **Textos dispersos**. Lisboa: Via, 1979. 151 p.p. 63-93.